

assassinou a criança por nascer mutante e a esposa por ter dado à luz a um “monstro”. Para não levantar suspeitas, forjou um acidente. Como reverendo, ele possui um programa de grande audiência na televisão e dedica a maior parte de sua pregação para atacar os mutantes, defendendo que, como eles não são mencionados na Bíblia, são crias do demônio. Suas ideias possuem grande alcance e preocupam os X-Men (Figura 3). Além disso, secretamente, ele possui um grupo de capangas fortemente armados, os Purificadores, que perseguem, torturam e assassinam Mutantes. Seu plano maior é usar os poderes telepáticos do Professor Xavier para exterminar todos os mutantes.

**Figura 3:** As preocupações dos X-Men diante do discurso intolerante e fundamentalista de William Stryker.



Fonte: Claremont; Anderson, 2015

Em um primeiro momento, Stryker obtém sucesso, chegando até a capturar e aprisionar o líder dos X-Men e os heróis Ciclope e Tempestade. Apesar disso, no final, ele é derrotado e revelado como um assassino.

Os desenhos de Brent Anderson trabalham muito bem as expressões faciais dos personagens, tornando seus sentimentos mais nítidos, e as cores escuras e sóbrias de Steve Oliff demonstram a seriedade e o tom mais pesado da

narrativa. (Rodrigues, 2023)

Antes da análise da obra, é importante fazer algumas breves considerações sobre os conceitos fundamentalismo religioso, fanatismo religioso e televangelismo, pois eles são imprescindíveis para o entendimento da história.

### **3. Fundamentalismo e fanatismo religioso**

Para compreender o fundamentalismo religioso é preciso olhar para os Estados Unidos do Século XIX, pois esse período marcou uma série de transformações políticas, sociais e econômicas no território estadunidense. Dentre as mudanças, podemos destacar a expansão territorial, conhecida como “Marcha para Oeste”, motivada pelo “Destino Manifesto”, crença na ideia que os Estados Unidos tinham uma missão divina de expandir seu território e influência pela América do Norte em direção ao Oceano Pacífico, levando seus valores de democracia, progresso e civilização. Além disso, o país começou a exercer sua hegemonia e interferência no continente americano. Ainda nesse século, os EUA começaram a se industrializar e passaram por um crescimento do comércio (Fernandes; Morais, 2020)

Também no século XIX, entre 1861 e 1865, os Estados Unidos vivenciaram a Guerra de Secessão, uma guerra civil que opôs os estados do Norte (industrializados e defensores do trabalho livre) e os do Sul (agrícolas e escravistas), chamados de Estados Confederados. A vitória do Norte fez com que seu modelo prevalecesse. A partir de 1870 até o início do século XX, os Estados Unidos passaram pelo ápice do seu crescimento industrial. A industrialização trouxe novas tecnologias e intensificou o processo de urbanização, ampliação da malha ferroviária e a vinda de imigrantes (Fernandes; Morais, 2020). Os avanços econômicos, técnicos e científicos revelavam que o papel da religião estava mudando, pois ela estava perdendo o monopólio da autoridade e da verdade.

Destarte, o cenário religioso também passou por mudanças. Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Morais (2020) destacam alguns movimentos reformistas que ocorreram no sul dos Estados Unidos, mas aprofundar essa temática afastar-nos-ia do assunto principal deste trabalho. O importante aqui, a partir de Helio Aparecido Teixeira (2018), é destacar que a Teologia Liberal, movimento teológico fundado por Albrecht Ritschl no final do século XIX, que buscava conciliar fé e razão, cultura e religião, estava ganhando força nas universidades ocidentais. Como resposta, no ambiente acadêmico, surge a Teologia Dialética, liderada por Karl Barth, que defendia que o conhecimento de Deus é fruto da revelação e não das ações da razão. Já no ambiente religioso, lideranças do protestantismo estadunidense começaram a defender os “fundamentos” do cristianismo, elegendo cinco doutrinas fundamentais da

fé cristã: inerrância da Bíblia, nascimento virginal de Jesus, expiação vicária, ressurreição física e poder milagroso de Cristo.

Assim, os fundamentalistas “eram as pessoas que defendiam as fontes do cristianismo contra a empreitada modernista promovida pela teologia liberal” (Teixeira, 2018, p.12). O autor comenta que professores da universidade de Princeton escreveram uma coleção de livros intitulada *The Fundamentals: A Testimony of the Truth* (em português, Os Fundamentos: Um Testemunho da Verdade). Os volumes foram publicados no início do século XX, entre 1909 e 1915. Para Leonardo Boff (2002), o grupo propunha um cristianismo muito rigoroso, ortodoxo e dogmático como uma reação contrária à modernização vivida pela sociedade estadunidense.

Sobre o fundamentalismo, Wellington Alves, Nataniel Gomes e Leonardo de Alvarenga (2023) enfatizam que ele pregava leituras literais do texto sagrado do cristianismo, almejando manter-se fiel a uma interpretação apologética limitante, adotando uma postura de monitoração e de discurso homogeneizante. Eles também comentam que o fundamentalismo, por ser uma reação ao modernismo e ao liberalismo teológico do século XIX, teve o propósito de proteger o protestantismo de uma suposta apostasia e salvar os Estados Unidos e o mundo do socialismo.

Helio Teixeira defende que “O fundamentalismo não pode ser reduzido a uma doutrina religiosa propriamente dita. De certa forma, trata-se de uma atitude existencial diante da vida e da religião” (Teixeira, 2018, p. 14). Com a chegada do século XX e suas inovações, o fundamentalismo religioso se reorganizou, começando a influenciar o sistema político. Conforme Oneide Bobsin (2002), a ideia é um retorno à tradição, a um passado idealizado, e a busca pela influência sobre o sistema educacional e cultural. Desse modo, os fundamentalistas americanos foram contrários ao ensino do evolucionismo, defendendo o criacionismo, e não eram favoráveis aos movimentos em defesa da igualdade racial nos anos 1960 (Alves; Gomes; Alvarenga, 2023).

Sintetizando essa questão, trazemos as palavras de Breno Martins Campos e Saulo Inácio da Silva:

[...] destacam-se três das consequências teológicas e sociais do fundamentalismo religioso que atingem mentalidades e ações de indivíduos e coletividades: a intolerância, o fanatismo e, na base de tudo, a absolutização da verdade. [...] A sustentação da intolerância pelo fundamentalismo protestante é corolário da aceitação tácita de que a Bíblia é um referencial que exige leitura sem crítica

ou questionamento; e que estabelece a adesão a rígidos saberes doutrinários. Como resultado, líderes religiosos fundamentalistas oferecem dupla proteção aos fiéis de sua igreja ou denominação: a espiritual ou subjetiva, contra as dúvidas de dentro e de fora do campo religioso (provenientes da razão crítica e do diálogo ou mero encontro com o diferente), e a institucional, contra a concorrência de outros fundamentalismos e também contra a crítica de dissidentes ou renegados. (Campos; Silva, 2017, p. 4-5)

Agora, passemos ao fanatismo, palavra de origem no latim *fanaticus*, que significa “o que pertence a um templo”, *fanum* (Lima, 2019, p.1). De acordo com Bobbio (1998, p. 464), o fanatismo pode ser definido como “cega obediência a uma ideia, servida com zelo obstinado, até exercer uma violência para obrigar outros a segui-la e punir quem não está disposto a abraçá-la”. Para o autor, geralmente, o fanatismo está ligado ao dogmatismo, logo, a uma crença em uma verdade e/ou sistemas de verdades que não podem ser discutidos e questionados. O pensador italiano também explica que o fanatismo é um problema social, portanto, sempre ligado aos fenômenos de exaltação coletiva.

Ainda segundo Bobbio (1998), o fanatismo não é uma doença, mas sim uma epidemia. Desse modo, para ele, aqueles chamados de fanáticos são fundadores ou adeptos de seitas, e sua ação se dá dentro de um determinado ambiente social que aceita, ou até incentiva, essa contaminação. O fanatismo está presente na religião, na política e no esporte, por exemplo.

No caso do fanatismo religioso, além das características apontadas por Norberto Bobbio no contexto geral do conceito, ele está relacionado ao empenho exacerbado na defesa de uma doutrina específica e na tentativa de convencer as demais pessoas a abraçar essas crenças (Oliveira; Ferrari, 2020). Assim, ataques contra uma determinada religião e a existências de grupos, crenças e acontecimentos que são contrários à visão dos fanáticos são combatidos com violência. Os fanáticos justificam suas ações em nome de sua divindade e são intolerantes (Lima, 2019).

Com o advento de meios de comunicação como o rádio e a televisão, as ideias fundamentalistas e fanáticas ganharam um novo espaço de circulação. O próximo tópico aborda essas questões.

#### 4. O Televangelismo

A expressão televangelismo refere-se ao uso do rádio e da televisão para a divulgação do cristianismo. Aqui, resgatamos o conceito de Igreja Eletrônica, que, segundo Sousa (2021), é um dos termos mais antigos e o que primeiro se popularizou entre acadêmicos e na imprensa para fazer referência às iniciativas cristãs na televisão. O autor explica que Igreja Eletrônica deriva da expressão Igreja elétrica, cunhada na obra *The Electric Church* (1979) por Ben Armstrong, ex-presidente da *National Religious Broadcas*, entidade fundada por grupos religiosos com presença na mídia, com a finalidade de defender seus interesses junto aos órgãos do governo dos Estados Unidos. Assim, “O conceito de Igreja Eletrônica se relaciona diretamente ao contexto norte-americano e às ações dos chamados televangelistas” (Sousa, 2021, p. 278).

Embora o conceito de Igreja Eletrônica já não seja mais utilizado e seja considerado insuficiente por vários pesquisadores e pesquisadoras, optamos por usá-lo neste trabalho, uma vez que se relaciona muito bem aos anos 1980, época em que a história de Claremont, Anderson e Oliff foi lançada. Aliás, o quadrinho analisado é um ótimo retrato da época em que foi publicado, evidenciando consequências negativas do televangelismo e os perigos do fanatismo religioso.

Um trabalho bastante conhecido e importante sobre Igreja Eletrônica foi desenvolvido por Hugo Assmann (1986). O teólogo, mesmo concordando com críticas ao termo, decide utilizá-lo em sua obra. Ele destaca que o fenômeno da Igreja Eletrônica era bastante peculiar e característico da realidade estadunidense, marcado pelo uso intenso de meios eletrônicos, principalmente a televisão, por líderes religiosos, muitas vezes fortemente personalizados e relativamente autônomos em relação às denominações cristãs mais tradicionais. Assmann (1986) também explica que essas lideranças davam ênfase na salvação individual, ficando conhecidas como *supersavers* (supersalvadores), sendo definidas pela imagem dos televangelistas.

Assmann (1986) acredita que a Igreja Eletrônica deve ser entendida e analisada como um movimento idolátrico: “uma tremenda geração de idolatria, em coerência com circunstâncias históricas específicas do mundo atual” (Assman, 1986, p.155). Um outro argumento essencial deste autor é que a Igreja Eletrônica se alimenta de muitas distorções do cristianismo, que possuem longa tradição. Assim, ela faz parte da convivência de uma boa parcela do cristianismo ocidental com uma lógica de poderes opressores. Portanto, muitas mensagens e ideias transmitidas desvirtuavam os verdadeiros princípios cristãos.

Pedro Gilberto Gomes (s/d) defende que a motivação primeira do uso de

meios eletrônicos por lideranças religiosas está na “obediência bíblica de a Boa Nova. Fiéis a isso, pastores e demais agentes apropriaram-se da mídia para, mediante os protocolos comunicacionais, desempenhar uma missão religiosa “(Gomes, s/d, p.24).

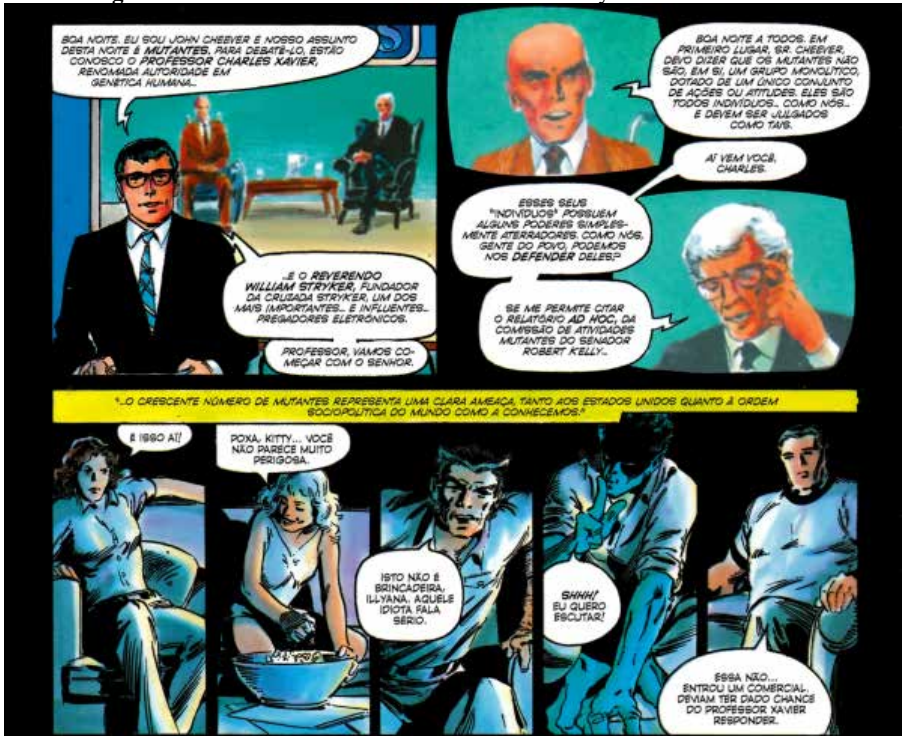
Com base em Sousa (2021), podemos citar Billy Graham, Pat Robertson, Oral Roberts, Jerry Falwell e Rex Humbard como televangelistas de sucesso. O pesquisador também aponta que a atuação dessas figuras era marcada pelo espírito de conquista, visão fundamentalista da Bíblia, liderança carismática e centralidade na figura do televangelista (em detrimento da instituição religiosa), a autenticação pela experiência do espectador, o uso de técnica refinada, concepção voltada ao entretenimento e o financiamento pelo público. O personagem William Stryker e seu plano contra os mutantes está diretamente relacionado com alguns dos aspectos comentados neste tópico. Dito isso, passemos para a HQ que é objeto de análise do artigo.

### **5. *X-Men: Deus ama, o Homem Mata, o televangelismo e o fanatismo cristão***

Ao ler Deus Ama, o Homem Mata, é fácil perceber que o personagem William Stryker possui muitas das características mencionadas nos parágrafos seção anterior, destacando-se a boa retórica, a interpretação fundamentalista dos textos bíblicos, a liderança e a capacidade de convencimento. Na trama, ele se sobressai em um debate com o Professor Xavier na ABC, grande rede televisiva dos EUA, por saber se comportar melhor em frente às câmeras (figura 4).

O reverendo também prepara um grande sermão para ser transmitido pela mesma emissora no ápice da história, quando milhares de pessoas acompanham sua fala “iluminada por Deus”, incluindo autoridades do governo dos Estados Unidos.

**Figura 4:** Debate entre Charles Xavier e William Stryker na emissora ABC



Fonte: Claremont; Anderson, 2015

Em um texto de 2003, presente na introdução da edição brasileira lançada pela Panini, o roteirista Chris Claremont comenta a questão do televangelismo e do fundamentalismo nos Estados Unidos da década de 1980 e também menciona algumas das figuradas citadas no tópico anterior. Nas palavras de Claremont:

Então, lá estávamos no início da década de 1980. Ronald Reagan era o presidente dos EUA e uma onda de conservadorismo varria a nação: uma reação da parte mais tradicional da América contra as atitudes hedonistas e não patrióticas dos anos 1960 e 1970. De acordo com aquelas pessoas, o país estava retornando às suas fundações, tanto política quanto moralmente. Liderando o ataque - e, por extensão, a avalanche de críticas ao estilo de vida “esquerdista” reinante em Nova York e Los Angeles - estava um bando de televangelistas, propagandeando em todas

as frequências sua renovada visão fundamentalista sobre a Bíblia. Havia os ministérios religiosos há muito estabelecidos liderados por Billy Graham, Oral Roberts, e Robert Shuler (sic), e também suas contrapartes mais recentes, como Pat Robertson (do programa O Clube 700), Jerry Falwell (de A Maioria Moral), Jimmy Swaggart, Jim e Tammy Faye Bakker (de PTL Club), e muitos outros. A visão que muitos desses pastores advogavam era purista e bem definida. A Bíblia seria a fonte da sabedoria, o caminho para a salvação não somente para a alma dos paroquianos, mas, por intermédio deles, para toda a nação. Esse tipo de credo alegava oferecer uma alternativa mais viável, vital e relevante do que as denominações mais tradicionais. [...] Apesar de declarações públicas de diversos daqueles pastores reconhecendo a necessidade da tolerância - e a admissão de que os Estados Unidos eram e são uma sociedade plural permanecia uma impressão, pelo menos para meus ouvidos, de “faça o que eu digo ou dê o fora”. Ou você aceitava a Palavra de Deus por inteiro e sem reservas, ou você não a aceitava. E, se assim fosse, estaria condenado. Ao mesmo tempo, aqueles religiosos começavam a avançar com sua agenda política e social, amplamente apoiada, na esperança de remodelar o país de acordo com sua fé. Entenda, estou falando aqui de estruturas básicas. Quando digo “fé”, não me refiro apenas à crença em uma entidade suprema, mas, por extensão, na crença nos religiosos que propagavam aquelas ideias. Tínhamos pastores pedindo – ou poderia-se dizer, exigindo – confiança absoluta de seus fiéis, fé absoluta na verdade do que estava sendo pedido a eles, e a confiança de que a causa que seguiam era justa e correta. (Claremont, 2014, p.7-8)

Os comentários de Claremont deixam claro que ao criar o vilão William Stryker, ele se inspirou em aspectos da realidade para criar sua história e que pretendia fazer uma crítica social profunda ao que estava ao seu redor. Mais do que isso, “esta graphic novel acabou tornando-se um apelo para que,

não importa qual fé sigamos, nossa consciência como indivíduos nos una” (Claremont, 2014, p.8).

Ainda sobre a figura de Stryker, Carlos Ribeiro Caldas Filho (2017) afirma que o vilão é o típico televangelista: “tem boa aparência, fala bem, está inteiramente à vontade na televisão, sabe debater e argumentar. Em suma, é um sedutor, que consegue com facilidade arregimentar seguidores para sua causa”. (Caldas Filho, 2017, p.85). Em suas falas, o pastor apela para emoção, eleva o tom de voz, nega a ciência (principalmente a Teoria da Evolução) e utiliza o nome de Deus para legitimar seu ponto de vista. No caso, o temor e o ódio aos mutantes.

Caldas Filho (2017) considera que o pastor é um fanático religioso e que a principal marca do fanatismo é a negação da alteridade, pois o outro passa a ser visto como um não-ser, como inferior ao humano e sem o direito de existir. Para Stryker e seus Purificadores, esse é o caso dos mutantes. Aqui, é válido mencionar que essas práticas reforçam o caráter coletivo e intolerante do fanatismo conforme foi discutido anteriormente.

Caldas Filho (2017) e Alves, Gomes e Alvarenga (2023) expõem que ao longo da narrativa, diversos trechos da Bíblia (figura 5) são citados por Stryker, no entanto, todos estão fora de contexto e com o interesse de defender e valorizar suas ideias extremistas. O reverendo apenas menciona passagens que falam sobre guerra, violência, condenação e a besta, deixando de lado passagens sobre amor, perdão, doação, caridade e acolhimento ao próximo, essenciais para o cristianismo. Stryker faz uma leitura seletiva e fundamentalista dos textos bíblicos para justificar seu ódio e perseguição aos mutantes, que culminariam em projeto de execução em massa.

Sobre isso, Caldas Filho e Gomes (2025), ao analisarem a manipulação do discurso religioso, argumentam que Stryker utiliza frases de efeito para justificar sua cruzada contra os mutantes, citando a seguinte fala como exemplo: “Mutantes são uma abominação aos olhos de Deus! Eles devem ser purificados!”. Para eles, discursos assim são comuns e eficientes, pois a seleção e a interpretação tendenciosa de textos bíblicos são usadas para legitimar crenças preconceituosas, levando os fiéis a sentir e fazer o que os líderes desse discurso manipulado querem que eles sintam e façam (Caldas Filho; Gomes, 2025).

Os autores também destacam que a manipulação do discurso também se utiliza da violência. Assim, a fé seria uma justificativa para as agressões e ataques contra os mutantes. Para eles: “O fundamentalismo frequentemente se associa à violência, utilizando-a para impor suas crenças e eliminar aqueles considerados ‘infieis’.” (Caldas Filho; Gomes, 2025, p.16).

**Figura 5:** Algumas passagens em que Stryker cita trechos de livros da Bíblia como Deuterônimo (17: 2-5), Apocalipse (13: 16-18), Eclesiastes (12:13), Levítico (26:21), Isaías (1:4) e Ezequiel (18:20)



Fonte: Claremont; Anderson, 2015

Valendo-nos de alguns elementos básicos da Análise do Discurso (AD), que atua “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (Orlandi, 2009, p.16), ou seja, investigando as construções ideológicas da linguagem, utilizando-se de diversas ferramentas e evidenciando a produção de sentidos, percebemos que Stryker manipula o discurso religioso para alcançar seus objetivos. Para isso, ele cria uma ameaça imaginária (os mutantes) e apresenta-se como a única salvação contra ela e como um representante de Deus, utilizando-se de diversas citações bíblicas que, aparentemente, corroboram suas ideias. Com isso, ele seduz muitas pessoas, que passam a adotar uma conduta dentro dos moldes defendidos por ele.

Ademais, a AD ensina que nenhum discurso pode ser compreendido fora do contexto em que está inserido; portanto, é sempre preciso levar em consideração os sujeitos envolvidos, o lugar e os aspectos históricos, sociais e culturais. No caso desta história em quadrinhos, o personagem William Stryker sintetiza as ações dos televangelistas da época em que a obra foi lançada, o conservadorismo e a influência de grupos evangélicos na era Regan. Já no cenário fictício da HQ, Stryker uniu a rigidez militar, o fundamentalismo religioso e o poder dos meios de comunicação para mobilizar as massas em seu projeto de eliminar os mutantes. Outro aspecto importante é que o medo e

a desconfiança das pessoas em relação aos mutantes sempre foram elementos presentes nas histórias dos X-Men; logo, a pregação de Stryker encontrou um terreno fértil para se espalhar.

As falas do personagem podem ser encaixadas naquilo que convencionou-se chamar de retórica do ódio, pois suas principais características são a desumanização e a incitação da violência contra grupos tidos como inimigos e ameaças. No quadrinho, as falas de William Stryker sobre os mutantes serem menos que humanos e crias do diabo, comprovam exatamente isso (Figura 6).

**Figura 6:** vinheta com um trecho do sermão televisionado de William Stryker. Aqui, ele ataca os cientistas e os mutantes.



Fonte: Claremont; Anderson, 2015

Durante a pregação, Ciclope, Tempestade, Noturno, Wolverine, Colossus e Kitty Pride enfrentam os purificadores com a intenção de salvar seu líder e mentor. Enquanto isso, os aliados de Stryker colocam em ação seu plano de usar os poderes do aprisionado e manipulado Professor Xavier para eliminar os mutantes. Quem fosse mutante sentiria fortes dores na cabeça e uma hemorragia interna, frutos da poderosa rajada mental de Xavier.

Nesse momento, Magneto interrompe a cerimônia religiosa e fica frente a frente com o pastor, que cita versículos do livro do Apocalipse (Ap, 13:11 e 15 e Ap, 20: 9-10) para associar o poderoso mutante à besta e ao demônio, no instante em que ele é atingido pelo feixe da rajada mental de Charles Xavier. Stryker continua mencionando passagens bíblicas e incita a multidão a atacar o atordoado Magneto, mas ele é salvo por policiais.

Paralelamente, Anne, uma das purificadoras e das seguidoras mais fiéis do pastor, começa a sentir o sangramento que somente os mutantes deveriam sentir. Então, ela pede ajuda para Stryker, porém, sabendo que ela foi revelada como mutante, ele nega auxílio e afirma que é a vontade de Deus. Anne questiona se ele não se importa e se a vida dos fiéis não significava nada, mas o reverendo a renega, dizendo que está em uma trilha virtuosa e que não pode

ser afastado dela por nada nem por ninguém, e que uma verdadeira filha do paraíso deveria aceitar seu destino. Na sequêcia, Stryker a empurra do palco, proferindo as seguintes palavras: “mutante, cria do inferno... Eu te renego! Eu te lanço eternamente no abismo!”.

Anne acaba vindo a óbito, e Magneto pergunta: “então, é esta a palavra sagrada, reverendo... Todos os que se opõem a você devem morrer?”. Algumas pessoas presentes no local dão razão a Stryker, ignorando o fato de que ele cometeu um assassinato a sangue frio, e decidem atacar Magneto novamente, que salvo pelos policiais mais uma vez. Essas passagens indicam como a manipulação do discurso religioso é forte, pois as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa em nome do que acreditam ser a verdade. No caso de Stryker, seu extremismo é tamanho que ele mata até mesmo pessoas próximas em nome do seu dogma. Foi assim com sua esposa, seu filho e com Anne. É importante destacar que todas essas atitudes são opostas aos valores cristãos que ele tanto prega.

Continuando a análise da narrativa, um dos momentos mais conhecidos desta história ocorre quando William Stryker manifesta extrema intolerância e preconceituoso com Noturno (figura 7). Expondo sua retórica do ódio, o reverendo nega a humanidade do herói, embora o personagem seja católico e siga os princípios cristãos. Sobre isso, Claremont (2014) comentou:

William Stryker agiu guiado por sua própria percepção de fé. E, ao mesmo tempo, as pessoas contra quem agia eram – e nunca deixam de ser – pessoas de fé. A crença de Noturno no divino torna-se por acaso menos válida porque Stryker acredita que ele seja uma criatura do demônio? E, se a fé de Noturno é válida e verdadeira, no que isso transforma as condenações feitas por Stryker? (Claremont, 2014, p.

**Figura 7:** Ciclope e Stryker discutindo acerca da humanidade dos mutantes. Nesse momento, o religioso defende sua tese de que o *Homo superior* é menos que humanos apontando Noturno como exemplo.



Fonte: Claremont; Anderson, 2015

Após a fala do reverendo, Kitty Pride, uma personagem judia, responde dizendo o seguinte:

“mais humano que você! Noturno é generoso e dócil e decente! Ele teve todas as razões do mundo para ser amargo, todas as razões para ser tanto um demônio por dentro e por fora. Mas ele decidiu rir, ao contrário! Eu espero ser metade da pessoa que ele é. E se eu tiver que escolher entre me importar com meu amigo e acreditar em seu Deus...Então eu escolho... Meu amigo!” (Claremont; Anderson, 2015, s/p)

Ao ouvir isso, o vilão acusa a jovem de blasfêmia e se prepara para atirar nela, mas um policial dispara contra o pastor primeiro, levando-o a morte. Depois disso, um apoiador das ideias de Stryker questiona o ocorrido, porém outro policial presente no local rebate, dizendo: “É... o reverendo ia atirar numa menina desarmada! Se essa é a palavra de Deus, com certeza, ela mudou desde que fui à igreja domingo passado”. Isso indica que, apesar da influência das ideias fundamentalistas e preconceituosas difundidas pelo televangelista, nem todos as apoiam.

Outra abordagem relevante sobre Deus Ama, o Homem Mata é a partir do pensamento do teólogo luterano Paul Tillich. Seguindo essa linha, Caldas Filho (2017) privilegia a soteriologia, doutrina da salvação, explicando que a conclusão da história mostra que o amor é a cura para a intolerância. Baseando-se em Tillich, ele também aponta que uma sociedade dominada por fanatismos religiosos não será curada/salva e que, para que o amor aconteça, “é preciso coragem para ser, e para permitir que o ‘outro’ também seja. (Caldas Filho, 2017, p.87). No universo dos X-Men, isso se dá na relação entre mutantes e humanos.

Alves, Gomes e Alvarenga (2023), por sua vez, trabalham o conceito de demônico, conforme a análise de Tillich. O demônico corresponde àquilo que é finito e transitório, elevado à infinitude e à eternidade. Dessa forma, os três explicam que o fundamentalismo, para Tillich, possui traços demoníacos. Em suas palavras: “O fanatismo religioso emana como consequência de uma insegurança interior, lançando elementos de demonização O temor ao demoníaco é o medo da alteridade e da possibilidade de não estar com a verdade” (Alves; Gomes; Alvarenga, 2023, p.114). Partindo desse pressuposto teórico, os autores analisam os discursos de Stryker presentes na história para evidenciar a crítica que ela faz ao fanatismo religioso (cristão).

Portanto, *X-Men Deus Ama, o Homem Mata* é mais do que crítica, ela é uma história sobre a importância da tolerância, da ajuda e atenção para com o próximo e sobre o amor que surge dessas atitudes conforme atesta o diálogo entre Ciclope e Tempestade na última página da HQ.

## **6. Considerações finais**

O presente trabalho destaca que as histórias em quadrinhos são uma instigante fonte de pesquisa nas áreas de Ciências da Religião, Teologia, Ciências da Linguagem e Comunicação, visto que podem abordar diversos temas de interesse dessas disciplinas. Em *X-Men: Deus ama, o Homem Mata*, nota-se que, mesmo após mais de quarenta anos de sua publicação original, a história continua bastante atual, pois líderes religiosos e seus seguidores ainda usam textos bíblicos, a religião e os meios de comunicação para transmitir ódio e

preconceito contra determinados grupos sociais. No Brasil, por exemplo, isso ficou evidente durante os processos eleitorais de 2018 e 2022.

Além disso, esta *graphic novel* mostra como os quadrinhos de super-heróis (produtos da cultura Pop), mesmo estando inseridos no *mainstream* e, portanto, associados a valores dominantes, podem servir como espaço para críticas sociais e reflexões profundas sobre certos aspectos da vida em sociedade, explicitando seu potencial cultural, crítico e como objeto de pesquisa para os campos do conhecimento citados acima.

A história de Chris Claremont e Brent Eric Anderson elucida como a linguagem pode ser utilizada como instrumento de poder, exercendo influência nas pessoas e moldando seus modos de pensar e agir. Conforme concluem Caldas Filho e Gomes (2025, p.16-17): “Por intermédio da obra, somos convidados a refletir sobre os perigos advindos de um discurso religioso que é manipulador das consciências de pessoas que, embora sinceras em suas crenças, acriticamente engolem-no.” Desse modo, quando manipulados por líderes religiosos sem escrúpulos, os fiéis são convencidos a odiar, temer, agredir e atacar o outro apenas por ser diferente. A obra enfatiza o contexto do protestantismo, bastante presente no cenário estadunidense, mas práticas manipuladoras podem acontecer em qualquer denominação religiosa, em qualquer lugar.

Por fim, conforme exposto por Rodrigues (2023), em *X-Men: Deus ama, o Homem Mata* os combates se dão mais por meio de ideias do que pelo uso de poderes e lutas, demonstrando que as palavras possuem poder e podem ser usadas para destruir, agredir e manipular (no caso de Stryker), mas também podem salvar, curar e libertar (no caso dos X-Men).

## 7. Referências bibliográficas

ALVES, Wellington Nascimento; GOMES, Nataniel dos Santos; ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. O fundamentalismo cristão que apavora e manipula o universo de *X-Men: Deus ama, o Homem Mata*. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 22, n. 1, p. 132–147, jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/COR/article/view/10726>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOBBIO, Norberto. Fanatismo. In: BOBBIO, Norberto; Matteucci, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UNB, 1998

BOBSIN, Oneide. “Deus salve a América”. **Fundamentalismo, identidade e**

política. In:

BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: EST/CEBI; Curitiba: PPL, 2002.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: A globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier; REBLIN, Iuri Andreás. **Estudos de cultura pop e perspectivas de análise**. São Leopoldo: EST, 2020

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Das HQ's como discurso teológico: análise de X-Men – Deus ama, o homem mata, de Chris Claremont, na perspectiva da soteriologia de Paul Tillich. **Teoliterária**, v. 7, n. 14, p. 70–90, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/33975> acesso em: 20 jan. 2026

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro; GOMES, Nataniel dos Santos. Crítica ao discurso de manipulação religiosa em X-Men: Deus, ama, o homem mata, de Chris Claremont e Brent Anderson. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 23, n. 01, p. e230107, 2025. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2025v23n01e230107. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/34039>. Acesso em: 20 jan. 2026.

CAMPOS, Breno Martins; SILVA, Saulo Inácio da. As várias faces do fundamentalismo protestante no Brasil: por uma discussão terminológica e conceitual. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 03-19, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2913>. Acesso em: 10 jan. 2026

CLAREMONT, Chris; ANDERSON, Brent. **X-Men: Deus ama, o Homem Mata**. Tradução de Fernando Lopes. Rio de Janeiro: Salvat, 2015. (Os heróis mais poderosos da Marvel, n. 15: Os fabulosos X-Men).

CLAREMONT, Chris. Introdução. **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Barueri: Panini, 2014

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. Os EUA no

século XIX in: KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2020.

GOMES, Pedro Gilberto. **Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, [s.d.].

LIMA, Raymundo de. O fanatismo religioso entre outros – breve ensaio. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 216, p. 61–70, maio 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/40905>. Acesso em: 15 jan. 2026.

MORGADO, Alexandre. **Marvel comics: a trajetória da casa das ideias no Brasil**. São Paulo: Splash Books, 2ª Ed. 2021

REBLIN, Iuri Andréas. Interseções entre Religião e Histórias em Quadrinhos: balões de pensamento a partir de um olhar à superaventura. **Paralellus** (Online), Recife, v.5, n.10, p. 161-178, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/428/pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2026

OLIVEIRA, Thiago Araújo; FERRARI, Ilka Franco. O aspecto pulsional do fanatismo religioso. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202020000300013&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202020000300013&script=sci_arttext). Acesso em: 02 ago. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

RODRIGUES, Iuri Biagioni. Crítica: *X-Men: Deus ama, o Homem Mata*. **Desenhando Recordatórios**, 2023. Disponível em: [www.desenhadorecordatorios.com/post/critica-x-men-deus-ama-o-homem-mata](http://www.desenhadorecordatorios.com/post/critica-x-men-deus-ama-o-homem-mata) acesso em: 20 jan. 2026

SOUSA, Marco Túlio de. Igreja Eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiaticizada: conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 275–298, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982->

8160.v15i1p275-298. Acesso em: 10 jan. 2026

TEIXEIRA, Helio Aparecido. **Questões Religiosas Contemporâneas**. São Leopoldo: EST, 2018.

WYLER, Lia. Que censura?. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 19, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38329>. Acesso em: 25 jan. 2026.

# UM CASAMENTO NO ARRABALDE: PSEUDO LITERATURA

Luciene Cristina Paredes MÜLLER (UFPA)

## RESUMO:

*Um Casamento no Arrabalde*, de Franklin Távora, foi publicado em 1869 e seu autor tinha como objetivo tornar conhecidas as produções da *literatura do Norte*, por defender um Norte mais brasileiro do que o resto do país (Candido, 1975). O romance é uma de suas obras menos conhecidas pelo público leitor, cujo enredo é marcado pela simplicidade e graça ao descrever a personagem feminina, protagonista desta narrativa, e mais, “era um livro recomendado para mulheres”, conforme afirma o próprio autor, no prefácio. No entanto, tratava de questões sobre o casamento, o divórcio, o amor e era anticlericalista, temas relevantes e polêmicos presentes na sociedade do século XIX. A partir desse pressuposto, a comunicação em tela pretende analisar, em que medida o romance do cearense, classificado como “livro meigo”, atende a indicação para leitura feminina, na perspectiva da Literatura e Sociedade, sob os enfoques teóricos de Antonio Candido (1959, 1964, 1975).

**Palavras chave:** Literatura. Sociedade. Leitura. Feminina.

## ABSTRACT:

A Marriage in the Suburbs, by Franklin Távora, was published in 1869 and its author aimed to make known the productions of literature from the North, by defending a North that was more Brazilian than the rest of the country (Candido, 1975). The novel is one of his least known works by the reading public, whose plot is marked by simplicity and grace in describing the female character, the protagonist of this narrative, and furthermore, “it was a book recommended for women”, as the author himself states in the preface. However, it dealt with issues about marriage, divorce, love and was anticlericalist, relevant and controversial themes present in 19th century society. Based on this premise, the paper in question intends to analyze to what extent the novel by the Ceará native, classified as a “gentle book”, meets the recommendation for female reading, from the perspective of Literature and Society, under the theoretical approaches of Antonio Candido (1959, 1964, 1975).

**Key words:** Literature. Society. Reading. Feminine.



*Um Casamento no arrabalde* (romance de 1869) é integrado à literatura do Norte a partir de sua 2ª edição, pois na 1ª esse valor passou despercebido, no qual o autor tinha a finalidade de levar aos leitores a cultura do Norte, essa característica, no entanto, era bastante marcante, pois a narrativa de Távora se passava em locais distantes da capital, mais rural, com menor influência europeia. O autor “afetado pelos dois primeiros ciclos das ‘novas ideias’ recifenses vive a primeira fase da sua carreira literária em Pernambuco, até 1874” (Ribeiro, 2003, p. 587).

Influenciado e influenciando novos autores, Franklin Távora busca defender um Norte nacional, levar essa identidade ainda preservada, vista pelo autor como intocada pelos colonizadores para o maior número de leitores, pois acreditava que o sul estava consumido com ideais vindas da Corte. É nessa linha de interpretação, que o presente artigo intenta analisar e desmistificar o conceito de leitura meiga por meio de analogias de trechos da narrativa com pesquisas já realizadas sobre o assunto, além de trazer à tona que o público feminino tem seus direitos como seres humanos e essa luta parte de épocas passadas.

## 1 Távora e a Corte

O trecho abaixo foi retirado da abertura do romance denominada “Ao Leitor”, em que Távora demonstra-se decepcionado com a Corte pelo não reconhecimento de sua primeira edição de 1869, pois acredita que essa não aceitação ou mesmo a popularização da obra se deu pelo simples motivo de ser realizado em uma província, lugar distante do grande centro, no qual os maiores consumidores seriam da classe burguesa, que no período volta-se ao que era produzido na Europa.

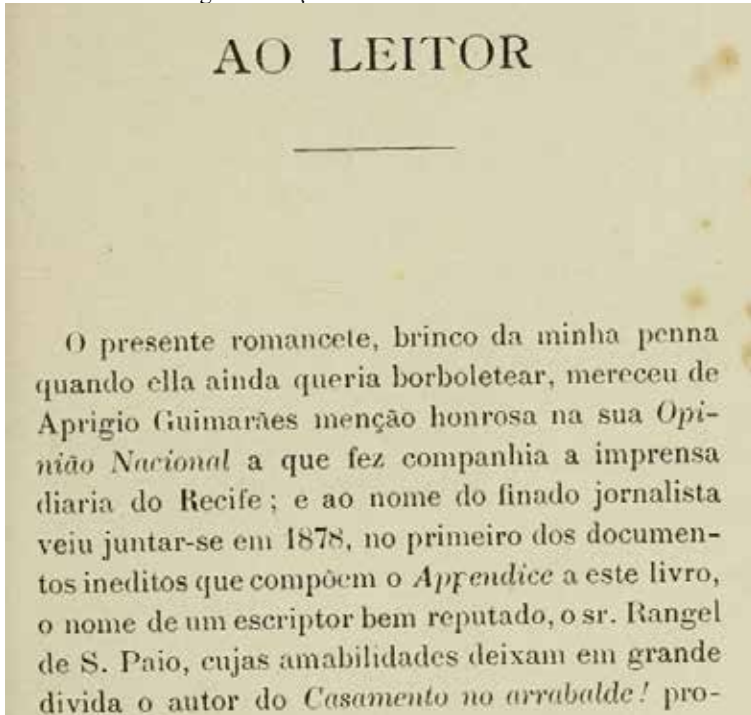
**Dou á estampa o romance por uma razão muito**

simples — porque tenciono tornar conhecidas da cõrte, em segunda edição, as minhas producções a que ella não se deu ao trabalho de volver um olhar quando appareceram em primeira, naturalmente porque este phenomeno barbaresco se realizou em uma provincia.

Como a primeira edição do livro não foi bem aceita pela Corte, depois de trocas de correspondências entre Aprigio Guimarães e principalmente, Rangel de S. Paio, o autor, Franklin Távora, decide publicar a segunda edição de sua obra. O incentivo por parte dos críticos e amigos o levaram dar continuidade ao seu projeto mais ousado.

O autor nos apresenta a importância da troca de correspondências com os seus amigos, que de forma amável, elogiaram a obra e o encheram de coragem para superar o impacto negativo da 1ª edição.

Figura 2: Seção dedicada ao leitor da obra



Abertura do livro, p. V

Temos adiante, as trocas de correspondências entre Távora e Rangel, todas retiradas do apêndice da segunda edição de *Um casamento no arrabalde*. Destaca-se que Rangel elogia a narrativa dessa obra mais do que o grande sucesso do autor, o *Cabeleira*. Segundo o seu relato, a simplicidade e naturalidade com que o livro foi construído o conquistaram de uma forma única.

Figura 3: Apêndice do livro.

com *Um casamento no arrabalde*, e, em vez de entregar-me, como projectara, ao labor interpretativo, fiz a leitura do seu ramancete.

Acredita? Aquella simplicidade, aquella despreziosidade, aquella naturalidade, pareceram-me de sabor tão *balzachino* que conquistaram-me mais applausos que o seu *Cabelleira*.

Apêndice p. 75

Na troca de cartas, publicada no apêndice da segunda edição do livro, *Um casamento do arrabalde*, Rangel sugere que o amigo publique em folhetins, pois dessa forma, alcançará um maior público. Para tanto, “o romance-folhetim propõe uma leitura que, episódio após episódio, segue o fio enredado da história com a ajuda do narrador (Heineberg, 2008, p. 497).

Figura 4: Apêndice do livro.

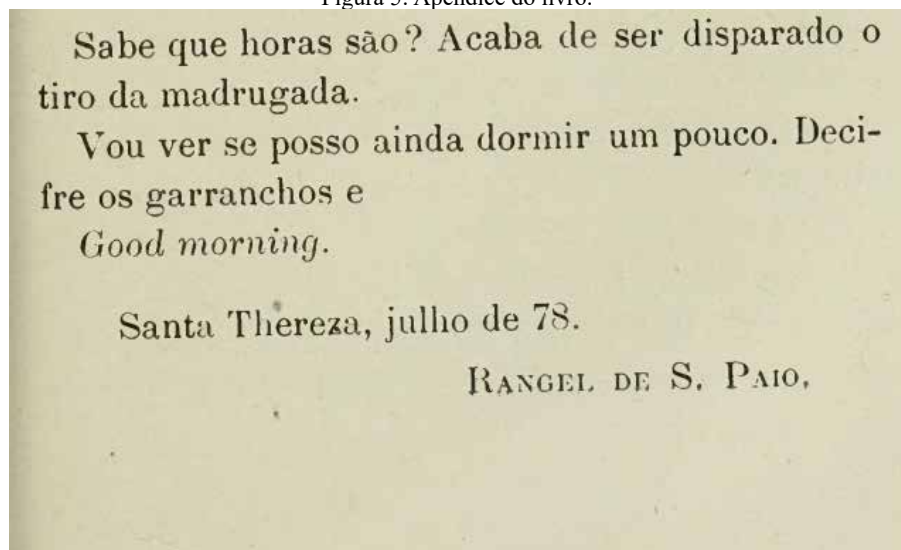
Sei que a impressão aqui é cara ; publique em folhetins seus romances. Serão mais lidos.

Seja tenaz e vencerá.

*Um casamento no arrabalde*, pequenino como é, está no caso de ser o primeiro a encetar a publicação.

Apêndice p. 88

Figura 5: Apêndice do livro.



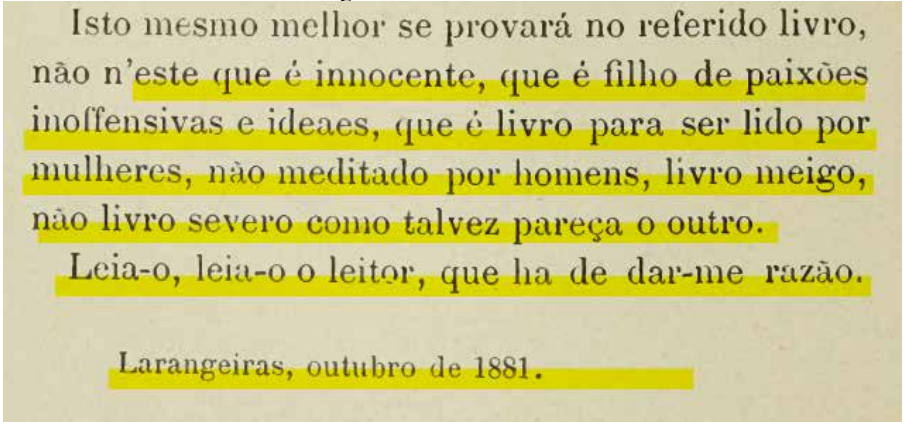
Apêndice p. 88

Não obstante, Távora seguiu todos os conselhos de seus amigos, e superando a negatividade encontrada na 1ª edição do livro, obtém mais sucesso na 2ª, e a partir desse momento a integraliza no seu mais ousado projeto, a Literatura do Norte.

## 2 “Livro para ser lido por mulheres”

O que podemos compreender sobre “livro para ser lido por mulheres”, há um leque enorme de significações que nos levam as mais estranhas compreensões. No entanto, para o século XIX, essa era uma regra: a literatura tinha seus objetivos específicos, ora apenas para os homens, ora para as mulheres. As damas da época, em sua maioria, poderiam usufruir de textos voltados para os costumes de casa, bordados, da família, temas esses que eram comuns por se acreditar que, os mais ousados, poderiam influenciá-las às práticas não convencionais e inadequadas.

Figura 6: Abertura do livro.



Abertura, página VIII

O autor prepara o leitor, ou a leitora, já que nos afirma que é um livro para ser lido por mulheres, por ser uma história doce, sem armações, intrigas, totalmente amável como a alma das donzelas do século XIX. Traz em seu contexto uma linguagem simples, mais próxima da doméstica, sem rebuscamentos.

Não à toa, Távora o descreve como “tipo do romance brasileiro, pelo mimo, pela simplicidade, por algum tanto da familiaridade e do grotesco dos costumes nacionais de há cinqüenta anos” (Távora, 1881, p. 510). Discurso recitado na sessão magna de encerramento pelo orador interino Dr. Franklin Távora, Revista Trimensal do Instituto Histórico.

Segundo Candido (1959), *Um casamento no arrabalde* é considerada a melhor obra de ficção de Távora. Entendemos que ao mencionar que é livro para ser lido por mulheres

consiste em dar refinamento à análise, sentida ao regionalismo, fidelidade à observação, naturalidade à expressão. [...] certos livros fundem harmoniosamente a intensidade emocional, o pitoresco regionalista, a fidelidade da observação e a felicidade do estilo, obtendo um equilíbrio até então desconhecido. (Candido, 1959, p. 626).

Figura 7: Descrição de D. Emilia.

D. Emilia foi educada em Paris. E' mulher de espirito superior, e muito aprendida. Toca muito bem, canta ainda melhor. Falla correctamente o francez; sabe historia; conhece um pouco a geographia; dá a sua opinião, nem sempre puramente theorica, sobre politica; entende de desenho; até mette a colher no *Syllabus*. Por aqui se vê que ella não se confessa. E' quasi athea.

Destaca-se aqui a contradição sobre religião, D. Emilia, de acordo com o autor era “quase athea”, porém, a narrativa gira em torno do casamento, na igreja, de sua filha Lucila com Pedro, o que para a sociedade da época era o bom costume das famílias, o que traria respeito de toda a sociedade.

Figuras 8 e 9: Descrição da mulher

liberdade. Todos os flagellos têm seu termo, quer na familia, quer no Estado; a mulher que soffre, como o povo que soffre, libertam-se ambos um dia do jugo dos tyrannos : só ha uma differença — a mulher, para escapar dos máos tratos do marido

cruel, deixa-lhe a casa furtivamente; a nação, esta põe abaixo, ou atira para um lado em publica praça, como se fez ultimamente em Hespanha, o imperante perfido, e fica senhora das suas acções, dominando no mesmo solo como soberana absoluta. Oito annos depois, Luiz Corrêa, pae de Pedro

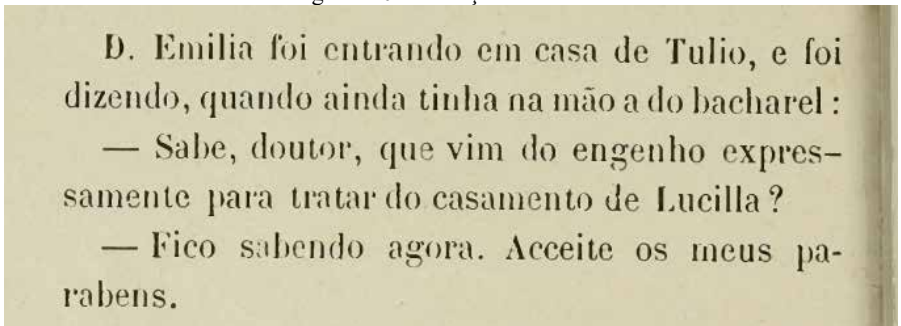
Neste trecho de *Um casamento no arrabalde*, o autor coloca a mulher como dona de suas ações, mostra que a sociedade a condenou por separar-se de seu marido, mesmo que ele a maltratasse. Nesse sentido, entendemos que

O narrador elogia a coragem da personagem em abandoná-lo e denuncia o jugo patriarcal que impera na sociedade, para prejuízo das mulheres. A opressão da mulher pelo mau esposo é relacionada, metonimicamente, ao sofrimento do povo perante o “pérfido” governante. (Ribeiro, 2008).

### Um casamento no arrabalde (1869)

[...] não há dúvida, uma ilhota de elegância e equilíbrio entre os demais escritos, e pena foi que Távora houvesse perdido a fórmula dessa narrativa, que reputava de menor importância que as outras [...] um momento feliz de inspiração, tratando com harmonia uma despreziosa visão dos costumes pernambucanos. (Candido, 1959, p. 635).

Figuras 10: Descrição da mulher.



Página 16 do livro.

Neste trecho da obra, percebemos claramente uma certa paixão, ou diríamos, atração entre Emília e Túlio, o que para a época seria um escândalo, por se tratar de uma mulher sozinha, separada, mal vista pela sociedade por esse motivo, envolvendo-se com um homem mais jovem.

Para compreendermos melhor o enredo, no próximo tópico, há um resumo dos personagens que nos encantam nessa trama amorosa.

### 3 Breve apresentação das personagens

Távora, neste romance, procura representar a figura feminina ao descrever a protagonista da obra como uma mulher que busca seus direitos como mulher, dona de sua vida e do seu destino, que foge de um casamento abusivo e mesmo assim, a sociedade esboça preconceito contra ela e sua filha. O autor cria poucos personagens, o conflito gira em torno da não aceitação do pai do noivo, o senhor Luiz Corrêa pelo simples preconceito com a mãe da noiva, uma mulher desquitada e sem posses.

Temos D. Maria: dona da casa, viúva de um bravo capitão do exército e D. Bellinha, filha solteira de D. Maria, descrita por sua beleza angelical. Mais 4 netinhas, órfãs de sua filha mais velha, que moram juntas na mesma casa.

D. Emilia, protagonista da narrativa, educada em Paris, toca piano, fala corretamente o francês, uma mulher fina, no entanto, é separada do marido, sustenta sua filha sozinha, é mal vista pela sociedade da época. “a mulher que sofre, libertam-se ambos um dia do jugo dos tyrannos” (p.12).

Na narrativa D. Lucilla, filha de D. Emilia, apaixonou-se por Pedro, o enredo gira em torno dessa paixão e do casamento que ocorre às escondidas do pai do seu amor. Távora a descreve como o “typo da mulher franzina em cuja mão se tem pena de pegar, cuja cintura se tem receio de enlaçar com o braço para dançar, porque supõe-se que vai quebrar-se o frágil vime. [...] Esta extrema delicadeza de fôrmas harmoniza-se com os tênues tons da voz débil, e os infantis movimentos”. (p. 13).

Pedro Correa, é o noivo de D. Lucilla e filho do senhor Luiz Corrêa, dono de um engenho no arrabalde e descrito como autoridade policial, era contra o casamento por questões sociais, visto que, sua futura nora não tinha posses.

Tulio, era bacharel em Direito, fica responsável, a pedido de D. Emília, de providenciar a cerimônia de casamento, às escondidas. Há um envolvimento quase que implícito entre os dois.

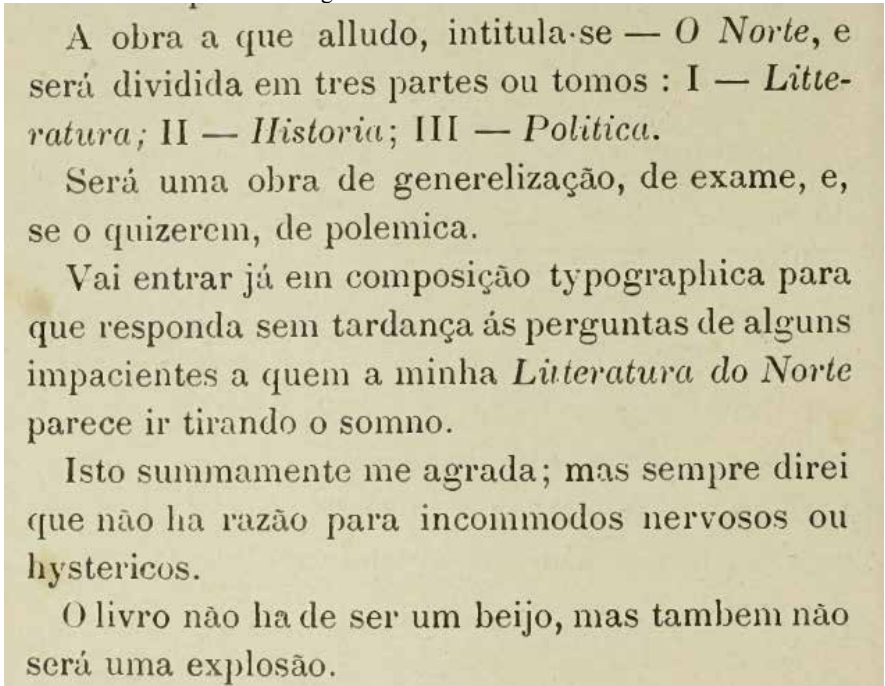
Padre Alexandre, o confessor, responsável por realizar o casamento. E Rita, a negra criada de D. Maria, “que se adivinhava ter pernas finas, pelos finos que tinha, amanhecera em um sarilho, em contínua labutação, como se diz em linguagem de casa”. (p. 28).

Todas essas personagens vivem no arrabalde, ambiente rural, longe da capital, da Corte, o que leva Távora a introduzir essa obra no seu projeto literatura do Norte, nesse sentido, o próximo tópico traz uma rápida discussão sobre esse assunto.

#### 4 Pseudo Literatura: a Literatura do Norte

O autor, já decepcionado com a Corte, toma o regionalismo como um manifesto, assim, “Távora quis introduzir, já no apagar das luzes da ficção romântica, um critério mais rigoroso de verossimilhança” (Bosi, 1994, p. 146). Procurou ser fiel na narrativa ao contar sobre um lugar distante, no Norte, com seus costumes, ideais, descreve como eram as festas, longe dos grandes centros contaminados pela cultura europeia. Sua revolta se deu porque essa 1ª edição do livro não obteve o sucesso almejado pelo autor.

Figuras 11: Abertura do livro.



Abertura do livro, p. VIII.

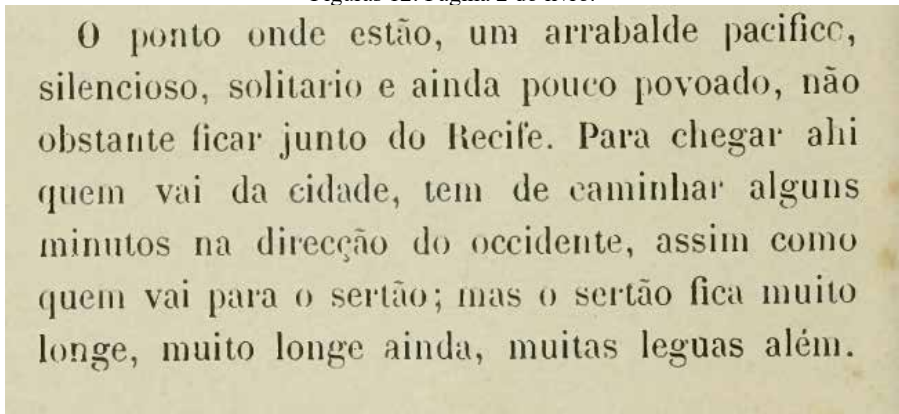
Uma das características marcantes do Romantismo é a defesa do nacionalismo, que aos poucos foi se transformando em regionalismo literário. Távora ilustrou muito bem esses traços em suas obras, pretendia mostrar uma literatura mais brasileira, diante do cenário nacional, distanciando-se do que era importado da Europa pelos colonizadores.

Candido (1959) afirma que o regionalismo de Távora parece fundar-se em três elementos:

Primeiro o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região, marcando o ritmo da sua história pela famosa “intercadência” de Euclides da Cunha. Em seguida, o que se poderia chamar patriotismo regional, orgulhoso das guerras holandesas, do velho patriarcado açucareiro, das rebeliões nativistas. Finalmente, a disposição polêmica de reivindicar a preeminência do Norte, reputado mais brasileiro,

onde abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. (recorte retirado do prefácio do livro *O Cabeleira*, p. XIV). (Candido, 1959, p. 629).

Figuras 12: Página 2 do livro.



Página 2 do livro.

Recorte da narrativa, em que Távora nos apresenta o arrabalde. Destaca-se a citação sobre o Recife. Nesse sentido,

[...] a região não era apenas motivo de contemplação, orgulho ou enlevo; mas também complexo de problemas sociais, sobressaindo a perda da hegemonia político-econômica. (Candido, 1959, p. 633).

Ao criticar Távora, Antonio Candido afirma que o autor quis apenas mostrar a beleza do arrabalde, ou seja, do Recife, esquecendo-se dos males

que assolavam o século XIX, e dos mais diversos problemas sociais pelo que a colônia passava, tanto nos grandes centros quanto nos lugares mais afastados.

Figuras 13: Cara de Paio a Távora.

V. é dramaturgo, romancista, critico, polemista e fez-se chefe do que chama litteratura do norte, no que discordo. E discordando, porque entendo que o que constitue uma litteratura não é o assumpto de que ella se occupa, mas sim o conjuncto dos trabalhos intellectuaes de um povo, escripto

Carta de Paio a Távora, Apêndice, p. 78

Figuras 14: Apêndice.

Não pare com suas publicações, que a *litteratura do norte* não acabe no *Matuto*.

Prosiga, complete sua obra e se elevará aqui à posição a que tem jus.

Apêndice, p. 87

Neste trecho retirado do apêndice do livro *Um casamento no arrabalde*, Paio afirma que discorda do projeto de Távora sobre a literatura do Norte, por entender que a literatura é um conjunto de obras de uma nação. E termina sua carta por incentivá-lo a continuar com suas publicações, ele vê prestígio na maneira de escrever do autor.

Nesse sentido, para Candido

Um casamento no arrabalde (1869), cujo singelo encanto já fora destacado por José Veríssimo como traço de realismo e, segundo Lúcia Miguel Pereira o único dos seus livros que subsiste. É, não há dúvida, uma ilhota de elegância e equilíbrio entre os demais escritos, e que pena foi que Távora houvesse perdido a fórmula dessa narrativa, que reputava de menor importância que as outras. [...] pôde beneficiar de um momento feliz de inspiração, tratando com harmonia uma despreziosa visão dos costumes pernambucanos. (Candido, 1959, p. 635).

Sem dúvida, *Um casamento no arrabalde* tem sua importância, pois Távora foi um pesquisador da cultura nacional e sua contribuição com a literatura é evidente. Candido em sua análise afirma que o autor “perdeu a fórmula da narrativa”, ou talvez não tivesse tido tempo de retomá-la.

## Considerações Finais

*Um casamento no arrabalde* é um livro para “ser lido por mulheres”?

Na segunda metade do século XIX, poderíamos afirmar que sim, aos poucos nessa época, a mulher ganhava seu espaço, lutava pelos seus direitos. Contudo, essa é uma obra para ser lida por todos, homens, jovens, velhos e velhas, sem distinção de níveis sociais.

A obra em análise traz como protagonista uma mulher, que foi capaz de fugir dos abusos do marido, se divorciar e assim assumir a criação de sua filha, sendo dona de seu destino, em um contexto preconceituoso da sociedade, no qual toda essa ousadia feminina poderia levar outras mulheres a cometerem tal mazela, digamos aqui, o público feminino.

Questões sobre essa afirmativa poderiam ser levantadas, fosse talvez um truque do autor para chamar a atenção sobre o conteúdo de sua narrativa ou simplesmente uma alusão às leitoras.

Assim, para o autor romântico, a imaginação prevalece à razão, são criadas obras envolventes, paixões arrebatadoras, histórias ficcionais marcantes, muitas delas revelavam fatos obscuros da sociedade, acontecimentos que eram confundidos ou faziam parte da realidade.

Távora ao anunciar na abertura que essa obra é para mulheres, quis retratar que o seu conteúdo mais romântico, casual e simples seria de interesse delas. Com essa afirmação, acabou que resumiu sua obra a um público específico, causando o estranhamento, até mesmo nessas leitoras, como já afirmado, não foi bem visto pela Corte e pelo público leitor em geral. Portanto, o livro é meigo, capaz de ser lido por todos, tão bom seria se tivéssemos uma continuação, pois o arrabalde de Távora é um pedaço do paraíso que não está apenas na sua imaginação, mas é real, com histórias reais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance:** circulação, leitura e escrita nos Séculos XVIII e XIX/Márcia Abreu (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008. (Coleção Histórias de leitura)

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 36º Edição. Revista e aumentada. Editora Cultrix. São Paulo. 1994.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos (1750 – 1880)** – Iª ed – São Paulo: Todavia, 2023. Ano da primeira publicação 1959.

RIBEIRO, Cristina Betioli. **Um norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas / Cristina Betioli Ribeiro**. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

TÁVORA, Franklin. “**Discurso recitado na sessão magna de encerramento pelo orador interino Dr. Franklin Távora**”. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, tomo XLIV, Parte I, Rio de Janeiro, Typographia Universal de H. Laemmert & C., 1881, p. 510.

TÁVORA, Franklin, **Um casamento no arrabalde**. História do tempo em estylo de casa. Nova Edição, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1903.

# AS RUAS DO BAIRRO CENTRO DA CIDADE DE SANTA MARIA/RS: HISTÓRIA, LÍNGUA E MEMÓRIA

Tatiana KELLER (UFSM)<sup>1</sup>

## RESUMO:

A Toponímia, de acordo com Dick (1990), é uma das atividades humanas mais significativas, porque reflete a compreensão do homem acerca de sua realidade. Por isso, por meio de seu estudo, é possível verificar a forma como o homem utiliza a linguagem para atribuir significados aos lugares que ocupa. Nesta pesquisa, tivemos por objetivo fazer um levantamento toponímico das ruas do bairro Centro da cidade de Santa Maria/RS e observar, com base em Dick (1992), a motivação para a designação desses lugares. O *corpus* é constituído por 57 logradouros e foi selecionado com base na Lei nº 5608, de 5 de janeiro de 2012 (Santa Maria, 2012) que regulamenta a designação de espaços públicos da cidade. Observa-se, de modo geral, predominância de antropotopônimos e axiotopônimos, os quais homenageiam, em sua maioria, pessoas ilustres da cidade, o que parece indicar a intenção de manter viva a memória desses indivíduos.

**Palavras-chave:** Topônimos; ruas; Centro de Santa Maria/RS.

## THE STREETS IN THE CENTRO NEIGHBORHOOD OF THE CITY OF SANTA MARIA/RS: HISTORY, LANGUAGE AND MEMORY

### ABSTRACT:

Toponymy, according to Dick (1990), is one of the most significant human activities, especially because it reflects man's understanding of his reality. Therefore, through toponymic studies, it is possible to verify the way people use language to assign meaning to the places they live. In this paper, we aim to make a toponymic survey of the streets in downtown Santa Maria city and observe, based on Dick (1992), the motivation for naming of such places. The corpus consists of 57 street names and was selected based on Law N°. 5608, of January 5, 2012 (SANTA MARIA, 2012), which governs the designation of public spaces in the city. In general, there is a predominance of anthropotonyms and axiotonyms, whose honored people were renowned

---

1- Doutora em Letras. Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM.  
E-mail: tatiana.keller@ufsm.br.

ones from the city, which seems to indicate the intention to keep their memory alive.

**Keywords:** Toponymy; street names; downtown Santa Maria/ RS.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como ponto de partida a designação das ruas centrais da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. A rua é um espaço urbano que permite a circulação de pessoas e veículos, dá acesso a moradias, ao comércio e aos locais de trabalho. Ela é, como nos informa Dick (1996),

um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia-a-dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes e festivas (Dick, 1996, p. 133).

Assim, pode-se considerar que a rua guarda a memória de acontecimentos cotidianos e, também, marcantes da história das cidades e o estudo da forma como esse espaço público é nomeado pode auxiliar no resgate dessa história, bem como trazer à tona, as memórias da cidade. Nesse sentido, analisa-se a toponímia de 57 ruas pertencentes ao bairro Centro de Santa Maria, conforme a Lei nº 5608, de 5 de janeiro de 2012. Para tanto, este texto organiza-se assim: na seção 1, é apresentada a definição de toponímia, bem como a classificação taxionômica de Dick (1992); além disso, é tratada a relação entre lugar, história e memória. Na seção 2, é traçado um panorama histórico-social da cidade de Santa Maria (RS) e do bairro Centro. Na seção 3, apresenta-se o *corpus* da pesquisa e sua análise. Na seção 4, estão as considerações finais.

# 1 TOPONÍMIA: LÉXICO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Nesta seção, é apresentado o conceito de toponímia, bem como a taxionomia de Dick (1992), para dar conta da motivação semântica dos topônimos brasileiros. Além disso, ressalta-se a importância dos estudos toponímicos para se compreender a relação que os sujeitos estabelecem com os lugares.

## 1.1 Toponímia e léxico

O léxico pode ser conceituado, conforme Dubois et al. (1978, p. 364), como “o conjunto de unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um falante”. Biderman (2001, p. 153) ressalta que “o léxico se relaciona com a cognição da realidade e com o processo de nomeação que se cristaliza em palavras e termos”.

O presente trabalho insere-se no escopo da Onomástica, um dos ramos da Lexicologia, o qual se encarrega do exame dos nomes próprios (Isquerdo; Alves, 2007). Dick (1998, p. 101) explica que “o ato de nomear, onomasticamente, é distinto da constituição/ criação da palavra, enquanto elemento do léxico e integrante do enunciado da língua”. Há também que se ressaltar a diferença entre nomes comuns e nomes próprios: estes designam objetos e indivíduos singularmente determinados e aqueles, todos os objetos de uma mesma espécie (Brito, 2003).

A Onomástica desdobra-se em: Antroponímia, cujo objeto de análise são os nomes próprios de pessoas, e Toponímia, que se dedica aos nomes próprios de lugares. É nesta última subárea que se enquadra este estudo.

Para dar conta da Toponímia brasileira, Dick (1992) propôs um modelo taxionômico que engloba 27 taxes, distribuídas em duas áreas: taxionomias de *natureza física*, motivadas a partir de referenciais do ambiente físico; e taxionomias de *natureza antropocultural*, relacionadas ao homem<sup>2</sup>.

---

2 - Alguns refinamentos dessa proposta podem ser vistos em Isquerdo (1996), Lima (1997), Francisquini (1998), entre outros.

Nos Quadros 1 e 2, apresentamos essas divisões taxionômicas, bem como suas definições e exemplos.

Quadro 1 - classificação dos topônimos de natureza física

Taxionomia	Definição	Exemplos
Astrotopônimo	Topônimo referente aos nomes dos corpos celestes.	Estrela (RS)
Cardinotopônimo	Topônimo referente às posições geográficas em geral.	São José do Norte (RS)
Cromotopônimo	Topônimo referente às cores.	Lagoa Vermelha (RS)
Dimensiotopônimo	Topônimo referente às características do acidente.	Passo Fundo (RS)
Fitotopônimo	Topônimo referente aos nomes de vegetais.	Arvorezinha (RS)
Geomorfotopônimo	Topônimo referente às formas topográficas e às formações litorâneas.	Morro Reuter (RS)
Hidrotopônimo	Topônimo referente aos acidentes hidrográficos.	Rio Grande (RS)
Litotopônimo	Topônimo de índole mineral, relativo à constituição do solo.	Ametista do Sul (RS)
Meteorotopônimo	Topônimo referente aos fenômenos atmosféricos.	Chувиска (RS)
Morfotopônimo	Topônimo referente aos sentidos e formas geométricas.	Morro Redondo (RS)
Zootopônimo	Topônimo de índole animal.	Anta Gorda (RS)

Fonte: adaptado de Dick (1992)

Quadro 2 - classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Taxionomia	Definição	Exemplos
Animotopônimo	Topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.	Solidão (PE)
Antropotopônimo	Topônimo referente aos nomes próprios e individuais.	Bento Gonçalves (RS)

Axiotopônimo	Topônimo referente aos títulos e dignidades.	Barão do Triunfo (RS)
Corotopônimo	Topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.	Santarém (PA)
Cronotopônimo	Topônimo referente às indicações cronológicas.	Novo Cabrais (RS)
Dirrematopônimo	Topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.	Não-Me-Toque (RS)
Ecotopônimo	Topônimo referente às habitações de modo geral.	Sobradinho (RS)
Ergotopônimo	Topônimo referente aos elementos da cultura.	Travesseiro (RS)
Etnotopônimo	Topônimo referente aos elementos étnicos.	Tapes (RS)
Hagiotopônimo	Topônimo referente aos santos e santas do hagiológico romano.	Santa Maria (RS)
Hierotopônimo	Topônimo referente aos nomes sagrados.	Cruz Alta (RS)
Historiotopônimo	Topônimo referente aos movimentos histórico-sociais e aos seus membros.	Tiradentes (MG)
Hodotopônimo	Topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana.	Portão (RS)
Mitotopônimo	Topônimo referente às entidades mitológicas.	Troia (PE)
Numerotopônimo	Topônimo referente aos adjetivos numerais.	Dois Irmãos (RS)
Poliotopônimo	Topônimo constituído pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.	Vila Flores (RS)
Sociotopônimo	Topônimo referente às atividades profissionais ou a pontos de encontros.	Engenho Velho (RS)
Somatopônimo	Topônimo referente às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.	Braço do Trombudo (SC)

Fonte: adaptado de Dick (1992)

## 1.2 Toponímia, história e memória

A Toponímia tem como objeto de análise a designação dos topônimos, ou seja, dos lugares. No âmbito da Geografia Humana, a noção de *lugar* está, muitas vezes, ligada à relação que o indivíduo estabelece com

ele<sup>3</sup>. Dessa forma, torna-se relevante o estudo da motivação dos topônimos, visto que essa motivação origina-se nessa relação que o homem constitui com o meio físico, social e cultural. Com base em Dick (1987), observa-se como os ambientes em que o homem está inserido e como sua maneira de ver o mundo são fatores presentes na concepção dos espaços e, conseqüentemente, em sua nomeação. Buttimer (1985, p. 228) define lugar como “o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Muitas dessas dimensões, como vimos anteriormente, estão presentes na taxionomia proposta por Dick (1992). Em consequência disso, a Toponímia configura-se como uma área multidisciplinar que articula linguagem, história, cultura, sociedade, identidade, memória.

O lugar mantém também relação com a memória. Para Nora (1993, p. 13), “os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há uma memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações (...) pois sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria”. Portanto, podemos pensar que a designação de espaços públicos com nomes de pessoas relevantes para a história de uma determinada localidade (bairro, cidade, estado, país), além de uma forma de reconhecer a importância dessas pessoas, é uma maneira de manter viva sua memória. De acordo com Guimarães (2002, p. 54), “algumas denominações de lugares recortam, como memoráveis, narrativas locais”. Outrossim, Faggion, Dal Corno e Frosi (2008) comentam a relação dos topônimos com aspectos históricos e culturais de um povo. As autoras explicam que

os topônimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos. Assim, saber o exato

---

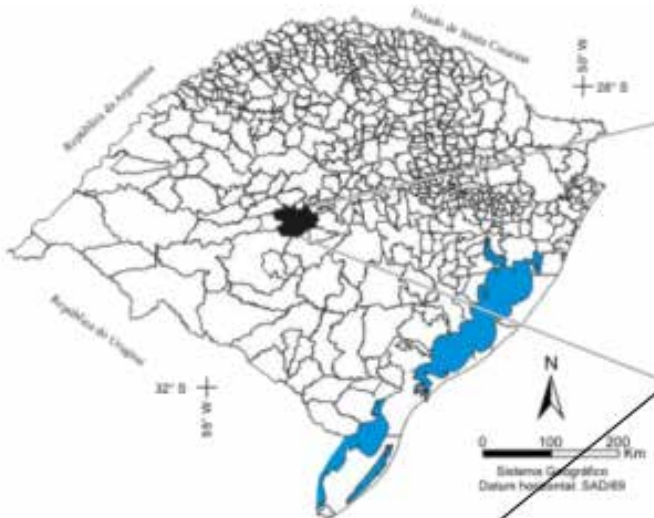
3 - Para uma discussão acerca da definição de lugar, consultar Staniski, Kundlatsch e Pi-rehowski (2014).

significado do nome de uma cidade, bem como de suas ruas, praças e parques, significa, verdadeiramente, conhecer essa cidade e reconhecer seus valores (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008, p. 278).

O presente trabalho teve como objetivos fazer um levantamento toponímico das ruas do bairro Centro da cidade de Santa Maria/RS e identificar sua motivação, a fim de contribuir para a descrição e para a preservação da memória da cidade. Para tanto, inicialmente, são apresentados alguns dados históricos sobre a constituição da cidade e do bairro, os quais estão na próxima seção.

## 2. SANTA MARIA/RS: bairro Centro e suas ruas

O município de Santa Maria, localizado na parte central do estado do Rio Grande do Sul, como pode ser observado na Figura 1, tem extensão territorial de 1.781,566 km<sup>2</sup> e população de 262 mil habitantes (IBGE, 2010).  
 Figura 1 - localização do município de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Alves (2012, p. 49)

Conforme Scalabrin (2011), os índios minuanos e tapes foram os primeiros habitantes conhecidos da região. O surgimento da povoação, de acordo com Belém (2000), iniciou-se em 1787 com a passagem da *Comissão Mista* por Santa Maria, que tinha por objetivo demarcar as terras pertencentes a Portugal e as terras pertencentes a Espanha. Em 1801, Santa Maria passa a ser *povoado*; em 1819, *distrito* (da Vila Nova de São João da Cachoeira, atual Cachoeira do Sul); em 1837, *freguesia*; em 1857, *vila*; em 1858, *município*; e, finalmente, em 1876, *cidade*, com o nome oficial de *Santa Maria da Boca do Monte* (Rechia, 1999).

Scalabrin (2011) relata que o processo de expansão urbana de Santa Maria foi marcado pela chegada dos trilhos da Viação Férrea, em 1885. Entre 1885 e 1905, a população aumentou de forma considerável: de 3.000 passou para 15.000 habitantes; da mesma forma o número de prédios cresceu: de 400 para 1500.

Acerca da nomeação das ruas iniciais da cidade, Belém (2000, p. 41) descreve que

as primeiras artérias, delineadas em razão do trânsito mais forçado pelo labor diário dos habitantes, tomaram os nomes: de Rua Pacífica, a que descia a colina em direção ao Passo da Areia, e que hoje, é a Dr. Bozano, tendo sido, por muitíssimos anos, do Comércio; e de rua São Paulo, aquela em que estavam localizados o quartel, o escritório da comissão técnica e alguns ranchos confortáveis de moradia de famílias de oficiais. A essa, logo após a retirada da Partida de Demarcação, foi dado o nome de rua do Acampamento para representar-se a lembrança daqueles que, em última análise, foram os fundadores de Santa Maria.

Tais ruas deram origem ao bairro Centro, o primeiro dentre os 41 bairros da cidade. Atualmente, é o segundo mais populoso com cerca de 18 mil habitantes. As primeiras ruas da cidade localizam-se neste bairro, que conta também com importante patrimônio arquitetônico, composto, por exemplo,